

Sumário

Sangue e traição.....	2
Sangue e Sacrifício.....	36
Sangue e Memórias.....	65
Sangue e Areia.....	91
Sangue e Brutalidade.....	123
Sangue e Vingança.....	161
Sangue e Honra.....	194
Sangue e Fé.....	223
Epilogo.....	248

Capítulo I

Sangue e traição

Você já parou para pensar até onde um homem iria para proteger aquilo em que acredita, mesmo quando o preço é sua própria vida?

Essas palavras ressoavam como um estrondo perturbador em sua cabeça, enquanto Bertrand afiava o fio de sua espada.

O brilho da lua clareava as pedras pelo caminho seguindo o horizonte, quando o grupo de cavaleiros Templários se reuniu em silêncio nas colinas poeirentas ao norte de Jerusalém. O vento seco trazia consigo o cheiro da batalha ao longe o cerco da Cidade Santa, a terceira Cruzada estava em seu apogeu, onde seus irmãos lutavam em nome de Deus. Mas eles tinham uma missão diferente. Mais sombria. Mais arriscada.

O comandante, Sir Arnaud de Montferrat, desmontou de seu cavalo e fez um gesto para que os outros o seguissem. Seu olhar era de aço, cada palavra carregada de gravidade.

— Nosso alvo está a um dia de marcha. Uma sinagoga nas montanhas perto da antiga Jerusalém, esquecida por todos, exceto pelo inimigo. Devemos cercar a pequena construção, e reivindicá-la para a Glória da Igreja.

A missão era clara. Enquanto o exército muçulmano estivesse ocupado no cerco, eles se

infiltrariam na escuridão em sentido oposto. Ninguém deveria saber, nem mesmo seus companheiros Templários.

Os cavalos avançavam pela trilha estreita, enquanto as sombras das montanhas cresciam à medida que a noite se aproximava. O grupo de cinco cavaleiros movia-se como fantasmas, sem palavras, guiados apenas pelo peso do dever e pela promessa de glória.

Ao longe, o templo. Uma sinagoga. Pequena, desgastada pelo tempo, mas ainda imponente em sua solidão. As paredes de pedra, cor de areia, estavam cobertas por marcas de eras passadas. Mas o que mais chamava a atenção era o silêncio. Um silêncio que não parecia natural. A presença de guardas inimigos, provavelmente batedores muçulmanos, era inevitável. Eles sabiam que não seriam os únicos atrás da relíquia.

Quando chegaram à entrada, Arnaud sinalizou com um aceno de cabeça, e os cavaleiros desembainharam suas espadas.

—Lembrem-se, murmurou ele, —não estamos aqui por nós, mas pela Santa Igreja, contra esses enviados de Satanás! *DEUS VULT!*

Ao se aproximarem do templo, uma sensação de perigo permeia todo o ambiente, os envolvendo como uma névoa, densa e sufocante. O som de suas botas ecoava nas pedras antigas da passarela em frente ao portão. Bertrand olha para seu líder,

que faz um gesto com a cabeça, indicando que avancem. Tudo parecia calmo demais, até que uma flecha voou da escuridão, cravando-se na parede ao lado de Arnaud. Arnaud ergueu o punho, ordenando silêncio absoluto, enquanto seus homens se espalharam pelas laterais da sinagoga, olhos atentos, corações acelerados.

As sombras não eram amigas ali.

A lua cheia se erguia por trás das montanhas em uma vigília silenciosa, lançando um brilho pálido sobre as pedras antigas que formavam a sinagoga. O vento carregava o cheiro de areia e sangue, soprando entre as colunas e corredores de pedra. Do alto da colina, os cavaleiros Templários, liderados por Sir Arnaud de Montferrat, observavam a estrutura como predadores aguardando o momento certo para atacar.

—Eles estão lá dentro. Nos observando!

Murmurou Bertrand, o guerreiro experiente, um homem robusto e de presença marcante, com músculos bem definidos após anos de batalhas. Seu rosto carrega cicatrizes profundas que contam histórias de confrontos passados, com uma em especial atravessando sua sobrancelha direita até a maçã do rosto. A pele, de tom bronzeado, mostra sinais de sol e desgaste, como se cada ruga fosse um testemunho das adversidades que enfrentou. Seus olhos, de um tom de cinza tempestuoso, são intensos e fixos na sinagoga, transparecendo

determinação e uma profunda reflexão. Seu cabelo é curto e grisalho nas têmporas, e ele exhibe uma barba rala que completa o ar endurecido e experiente de um homem que já viu muito da vida. Ele tinha os olhos fixos na sinagoga. Pequenas luzes piscavam lá dentro, como se os sarracenos estivessem tentando ocultar sua presença.

—Eles parecem saber que iríamos fazer isso. Não parece estranho?

Sussurra Bertrand para Arnaud, que franze a testa, fixando seus olhos firmemente na janela do segundo andar da sinagoga, onde uma sombra dança no ritmo de uma vela, indicando a presença de alguém escondido.

Arnaud, o líder e Grão-Mestre dos Templários, é um homem que carrega em sua postura a dignidade de seu cargo e o peso de sua longa jornada. Com mais de cinquenta anos, seu rosto revela traços europeus clássicos, nariz afilado, maçãs do rosto pronunciadas e um maxilar forte, mas suavizado pelo tempo. Sua barba é espessa, de um tom grisalho que quase se torna branca, cobrindo boa parte de seu rosto e acrescentando-lhe uma aura de sabedoria. O cabelo, embora já ralo nas têmporas, ainda é curto e bem cuidado, também marcado pelo tempo.

No entanto, apesar de sua posição e autoridade, o semblante de Arnaud está visivelmente abatido. Rugas profundas se formam ao redor de seus

olhos, que carregam um olhar cansado, como se refletissem o fardo de tantos anos de batalhas, sacrifícios e perdas. Seus ombros, outrora retos e imponentes, agora estão ligeiramente curvados, como se o peso das responsabilidades e dos conflitos tivesse começado a vencê-lo. Há uma gravidade em sua expressão, a de alguém que já viu mais destruição do que gostaria, mas que ainda carrega a chama da liderança, mesmo com o corpo desgastado.

— Isso já era de se esperar! A presença dos Sarracenos aqui, guardando esse templo, evidencia que estamos no lugar certo! Se estão aqui protegendo, é porque há algo de valor!

Diz a Bertrand, devolvendo seu questionamento, enquanto levanta sua mão direita, sinalizando uma ação de ataque.

Imediatamente, por detrás dos arbustos, surge uma figura, ao lado de Arnaud, um dos cavaleiros templários que se destaca. Robert Fraser, um arqueiro experiente, sua figura seguia contrastando com a armadura pesada dos outros guerreiros. Com movimentos ágeis e precisos, ele segura o arco de madeira robusta com destreza, os dedos calejados pela prática de incontáveis batalhas. O capuz de seu manto encobre parte de seu rosto, mas seus olhos, atentos e calculistas, brilham sob a luz da alvorada. No peito, o emblema escarlate dos templários se destaca sobre o tecido negro do

traje leve, escolhido para garantir mobilidade no campo de batalha. A névoa da madrugada ainda pairava sobre o terreno rochoso, e o som distante de espadas se cruzando ecoava ao longe, vindas do cerco em Jerusalém. O exímio arqueiro templário, se posicionou na linha de frente com o arco firme em suas mãos, seus olhos penetrantes vasculhando a floresta densa ao redor. Ele sentia que algo não estava certo, que um inimigo oculto aguardava nas sombras.

Sua respiração era controlada, cada batida de seu coração um eco dos incontáveis conflitos que já havia enfrentado. Seus anos como arqueiro não apenas afiaram suas habilidades, mas também seus instintos. De repente, ele percebeu um leve movimento no alto de uma copa de árvore, distante, quase imperceptível. O brilho metálico de uma lâmina reluziu brevemente por entre as folhas. Um soldado sarraceno, escondido entre os galhos, pronto para desferir um ataque surpresa.

Robert não hesitou. Com movimentos fluidos e precisos, sacou uma flecha de sua aljava, a ponta de ferro brilhando à luz fraca. O silêncio parecia se estender por uma eternidade enquanto ele puxava a corda do arco até seu limite, o olhar fixo no alvo. O mundo ao seu redor desapareceu, e tudo o que restava era o foco absoluto, o cálculo perfeito.

Ele soltou a corda.

A flecha rasgou o ar com um assobio agudo, movendo-se com velocidade implacável. As folhas balançavam ao seu redor, e por um breve instante,

o som cortante foi seguido por um estalo surdo. O soldado sarraceno, que se preparava para lançar seu ataque traiçoeiro, foi atingido diretamente no peito. Seus olhos se arregalaram de surpresa enquanto o corpo perdia o equilíbrio e caía, despencando dos galhos altos com um baque pesado no solo.

O silêncio reinou por um breve momento enquanto os cavaleiros templários observavam a precisão mortal de Robert. Sem comemoração, sem vanglória, ele abaixou o arco lentamente, os olhos ainda vigilantes. Para ele, aquilo era apenas mais uma flecha, mais um golpe necessário na longa batalha pela sobrevivência.

Mas naquele instante, todos souberam: Robert Frase não era apenas um arqueiro, ele era uma lenda.

Sem hesitar, Robert ergue sua mão direita, os dedos estendidos num gesto claro. Era o sinal de ataque. O movimento, simples e eficaz, fez com que os outros cavaleiros se preparassem, sabedores do que viria a seguir. O silêncio no ar era quebrado apenas pelo ranger de couro e metal enquanto eles aguardavam o comando.

De repente, por detrás dos arbustos à frente, uma figura emerge. Um sarraceno, vindo em direção a entrada do jardim em frente ao templo. Seus passos, suaves e silenciosos, como se tivesse surgido das sombras da própria floresta. Ela se move com a graça de um predador, cada passo calculado. A luz que passa entre as folhagens

revela brevemente o brilho de uma lâmina curta, antes que a figura volte a se esconder nas sombras, como se estivesse se aproximando para surpreender os templários.

Os Templários, em silêncio absoluto, já haviam montado um cerco ao redor da sinagoga. Noite adentro, como lobos espreitando suas presas, eles esperavam o momento exato. Sabiam que os sarracenos estavam escondidos entre as sombras, esperando para atacar. Mas Arnaud tinha um plano.

—Vamos caçá-los nas sombras, como eles tentam fazer conosco, — sussurrou ele, mais para si do que para os outros. Em um movimento rápido, ele fez sinal para que seus homens se dispersassem.
— Eliminem-nos um a um. Sem alarde.

Os cavaleiros se espalharam como espectros pela noite, suas armaduras escuras fundindo-se com a escuridão. O som das espadas sendo desembainhadas foi abafado pelo vento. Bertrand liderou o ataque com precisão cirúrgica.

Eles se moviam entre as rochas, contornando o templo, e logo os primeiros inimigos surgiram das sombras. Os sarracenos, que patrulhavam discretamente o perímetro, foram pegos de surpresa. Um dos cavaleiros, Arnold de Benício era jovem, provavelmente em seus vinte e poucos anos, mas sua postura e habilidades faziam dele um cavaleiro templário digno de respeito entre seus irmãos mais veteranos. Embora aquela fosse sua

primeira cruzada, ele já havia demonstrado uma impressionante capacidade de sobrevivência e uma mente afiada para a estratégia, características que o destacavam no campo de batalha e nas discussões táticas.

Fisicamente, Arnold era de estatura mediana, mas com uma estrutura corporal forte e ágil, construída não pela musculatura bruta, mas pela resistência que desenvolveu ao longo dos anos de treinamento rigoroso. Seus olhos eram de um azul profundo, sempre atentos e calculistas, capazes de ler o ambiente ao seu redor com precisão, seja em uma planície aberta ou no coração de uma floresta densa. O cabelo castanho-escuro era comprido até os ombros, e seu rosto, ainda sem as cicatrizes dos mais experientes, trazia traços afiados e determinados. Sua barba rala, que começava a tomar forma, era uma lembrança de sua juventude e do caminho ainda longo que teria que percorrer. Embora sua armadura não tivesse o brilho de um veterano consagrado, ela era funcional e bem cuidada, com a túnica negra dos templários, cruz vermelha sobre o peito, esvoaçando enquanto caminhava. Ao contrário de outros cavaleiros que confiavam puramente na força bruta ou na experiência em combate corpo a corpo, Arnold possuía um dom natural para a estratégia e o rastreamento. Desde muito jovem, foi treinado para observar o mundo ao seu redor de forma minuciosa. Detalhes como pegadas no solo, galhos

quebrados, e padrões na vegetação nunca escapavam de sua percepção aguçada.

Seus companheiros muitas vezes se impressionavam com sua capacidade de prever emboscadas ou identificar rotas seguras, mesmo em terrenos desconhecidos. Essa habilidade fez dele um excelente rastreador, e muitos confiavam em seus instintos durante longas marchas por terras hostis. Ele sabia ler os sinais da natureza como poucos, observando o voo dos pássaros, o comportamento dos animais, e até mesmo o vento, para decifrar onde o inimigo poderia estar ou por onde eles deveriam seguir.

Mas não era apenas sua habilidade de rastrear que o destacava. Arnold tinha uma mente estratégica que desafiava sua pouca idade. Ele era capaz de pensar várias jogadas à frente, como um jogador de xadrez visualizando o campo de batalha como um tabuleiro vasto e intrincado. Enquanto outros cavaleiros se preocupavam apenas com o combate imediato, Arnold já estava planejando como suas ações impactariam a batalha como um todo, antecipando movimentos do inimigo e usando o terreno a seu favor.

Apesar de sua juventude, Arnold carregava consigo uma postura calma e calculada, o que muitas vezes lhe dava uma aura de maturidade incomum. Ele era respeitado não apenas por sua inteligência, mas também pela sua coragem silenciosa. Embora ainda não tivesse as cicatrizes da guerra, ele estava pronto para enfrentar os desafios que viriam.

Arnold sabia que a cruzada não seria apenas uma prova de força física, mas também de astúcia e inteligência e nesse campo, ele estava preparado para se destacar. puxou um deles pela gola de suas vestes, enfiando uma adaga em seu pescoço antes que o homem pudesse gritar. Imediatamente, Arnold lança com sua mão esquerda uma pequena adaga dourada que dança ao vento, acertando em cheio a frente de um soldado sarraceno que espreitam nas sombras logo atrás de Robert. A adaga assovia ao lado do ouvido de Robert enquanto viajava no ar com destino certo até o rosto do inimigo, findando qualquer chance de um ataque surpresa. Robert, com os olhos esbugalhados, admira o acontecido. Ele se vira para Arnold, que com um gesto maroto, acena para seu irmão de batalha, sorrindo e lhe mandando um beijo. Robert levanta a sobrancelha esquerda, em sinal de deboche e faz um gesto com seu dedo do meio para Arnold, que sorri e segue em frente.

Um silêncio mortal reinava no campo de batalha. Bertrand era uma sombra em movimento. Ele se agachou atrás de uma rocha, ouvindo o som de passos leves. Quatro sarracenos à frente não sabiam que a morte já o haviam encontrado. Bertrand saltou sobre eles, a espada cortando o ar em um arco mortal. Bertrand desferiu o golpe mortal ao que estava no flanco direito. O homem caiu, os olhos arregalados, sem chance de alertar os outros. Sem chance de se prepararem para o próximo ataque, os três soldados sarracenos apenas

observam seu companheiro cair sem vida, enquanto Bertrand executa um preciso ataque, como se dançasse, com sua espada de dois gumes sibilava ao som do vento, cintilante com os raios da lua refletindo sobre ela. Respingos de sangue voavam por todo o lado, pincelando o majestoso uniforme escuro de Bertrand. O líquido carmesim se mistura ao vermelho escarlata da cruz exibida pelo peito do veterano templário.

Os cavaleiros entram pela porta do templo. Seguindo seu líder, eles atravessam pelos corredores da sinagoga, os Templários caçavam como predadores invisíveis. Um a um, os sarracenos caíam, abatidos por espadas e lâminas silenciosas. A cada golpe, os números dos inimigos diminuíram, e a tensão aumentava. O vento carregava o som abafado de corpos caindo sobre a pedra.

Em determinado momento, um grupo de três sarracenos surgiu do pátio, conversando entre si em voz baixa, entrando na sinagoga. Não perceberam os cavaleiros que os cercavam. Arnaud gesticulou para seus homens, e, em um movimento sincronizado, atacaram. Hugues, um dos cavaleiros atravessou o peito do primeiro inimigo com uma lança; outro foi abatido com uma lâmina que cortou sua coluna. Hugues encarou o último homem, um guerreiro sarraceno experiente, que se virou com a espada erguida, olhos cheios de fúria.

Hugues era uma figura impressionante e imponente, até mesmo entre os cavaleiros templários, conhecidos por sua bravura e força. Com quase dois metros de altura, ele se erguia acima de seus companheiros como uma torre de aço, sua presença dominando o campo de batalha. Sua estatura gigantesca era acompanhada por uma musculatura colossal, resultado de anos de treinamento rigoroso e do peso das armaduras que vestia sem demonstrar sinais de cansaço. Os braços eram espessos como troncos de árvores, e suas mãos, enormes, segurava a lança pesada com facilidade, uma arma que para muitos seria impossível de manejar com tanta destreza.

A lança de Hugues era tão formidável quanto ele próprio: longa, com uma ponta de metal reluzente e afiada, feita para perfurar escudos, armaduras e qualquer coisa que estivesse no caminho. O cabo era grosso e reforçado, exigindo uma força considerável para ser manejado, mas em suas mãos a arma parecia uma extensão natural de seu corpo. Com um simples movimento, ele podia desferir golpes devastadores, a ponta da lança cortando o ar com um silvo mortal. Hugues era um mestre no uso dessa arma, e cada investida sua era como o avanço de uma tempestade.

Seu rosto refletia a dureza de seus anos em batalha, com uma mandíbula quadrada e traços severos que raramente exibiam emoção. A pele, bronzeada pelo sol das cruzadas, era marcada por cicatrizes, cada uma contando uma história de

combates passados. Seus olhos, de um tom castanho escuro, brilhavam com uma determinação implacável, sempre focados no inimigo à sua frente. O cabelo, que antes era preto, agora começava a mostrar fios grisalhos, evidenciando sua experiência e os muitos anos de serviço à Ordem. Quando Hugues entrava em combate, sua presença era suficiente para inspirar coragem em seus aliados e temor nos corações de seus inimigos. Ele avançava como uma muralha viva, e a lança pesada em suas mãos desferiu golpes devastadores, rompendo linhas inimigas com brutal eficiência. Sua armadura, apesar de ser reforçada para suportar seu tamanho e força, parecia leve em seu corpo. O escudo com a cruz vermelha dos templários estampado no centro completava a imagem de um verdadeiro paladino de fé e força. Embora sua aparência fosse intimidante, Hugues também era conhecido por sua lealdade inabalável à Ordem e por proteger seus companheiros no campo de batalha. Muitos sabiam que, ao lado dele, estavam sob a guarda de um verdadeiro titã, alguém que lutava com a fúria de um leão, mas que tinha o coração de um guerreiro honrado. O soldado Sarraceno, tremeu ao se ver diante do poderoso titã. Em uma tentativa frustrada de atacá-lo, o soldado mal conseguiu se aproximar e foi arremessado pelo golpe esmagador da lança de Hugues, lançando-o vários metros longe, já sem vida.

Enquanto isso, Bertrand atravessou os imensos portões de madeira do templo, que se abriram com um rangido profundo e ameaçador. Seus passos ecoavam pelas paredes de pedra, enquanto ele avançava, determinado, em direção ao altar sagrado que agora estava profanado pelas mãos dos inimigos. O ar dentro do templo era denso, carregado com o cheiro de incenso misturado ao suor e ao sangue das batalhas que rugiam lá fora. Bertrand sabia que dentro daquele recinto encontraria o líder dos sarracenos, o último obstáculo entre ele e a conquista final.

Seus olhos escaneiam cada canto da vasta sala, iluminada apenas por tochas, até que os encontrou: no centro, em frente ao altar, estava o líder dos sarracenos, imponente, esperando por ele. O homem era alto e robusto, vestindo uma armadura escura ornamentada com símbolos dourados que brilhavam à luz vacilante das chamas. Seu olhar, cheio de desprezo e fúria, cruzou com o de Bertrand. Em suas mãos, uma espada curva brilhava mortalmente, e à sua frente, o altar sagrado, agora transformado em um símbolo de domínio.

Sem palavras, ambos sabiam que a batalha que se aproximava não era apenas por território, mas pela honra e pelo destino daqueles que representavam. Bertrand, com sua armadura marcada por cicatrizes e seu rosto endurecido pelo tempo e pelas batalhas, ergueu a espada, o aço reluzente que já havia conhecido o sangue de muitos inimigos. Seu

corpo, cansado de tantas guerras, ainda estava movido pela fé e pela determinação que o guiavam desde o início de sua jornada.

O líder sarraceno avançou primeiro, sua espada curva cortando o ar com um assobio mortal. Bertrand desviou o primeiro golpe com destreza, girando sua lâmina para bloquear o segundo ataque que veio com uma força brutal. O som do metal colidindo ecoou pelo templo, reverberando como trovões. Bertrand sentia a força do oponente, um guerreiro experiente, implacável e feroz. Cada golpe parecia um teste de força, uma luta não apenas física, mas também espiritual.

A batalha se intensificava. As espadas se chocavam em uma dança mortal, faíscas voavam a cada impacto, enquanto ambos os guerreiros se moviam com precisão letal. Bertrand avançou, pressionando o líder dos sarracenos, forçando-o a recuar alguns passos. Cada golpe era meticulosamente calculado, sua espada encontrando brechas na defesa do inimigo. Mas o líder dos sarracenos era rápido, desviando-se habilmente e contra-atacando com a lâmina curva em arcos traiçoeiros.

A luta parecia interminável, mas Bertrand sentia seu corpo começar a ceder ao cansaço. Ele sabia que precisava de um movimento decisivo. Em um instante de clareza, quando o líder dos sarracenos avançou com um golpe poderoso, Bertrand desviou com uma rapidez surpreendente, girando seu corpo

para o lado e, com um grito de pura determinação, desferiu um golpe mortal.

Sua espada atravessou o flanco do inimigo, perfurando a armadura com um som seco e mortal. O líder dos sarracenos vacilou, seus olhos arregalados de surpresa e dor. Com um último gemido, ele caiu de joelhos diante do altar que tanto tentou proteger. Bertrand, ofegante e com os músculos queimando de exaustão, permaneceu de pé, sua espada pingando sangue enquanto o inimigo sucumbia ao chão.

O silêncio que se seguiu foi profundo, quase sagrado. Bertrand ergueu os olhos para o altar, agora livre da profanação. O templo estava recuperado. Ele, cansado, mas vitorioso, fez o sinal da cruz em silêncio, agradecendo pela vitória. Mesmo diante do caos e das batalhas, sua fé e sua determinação prevaleceram. O templo, e o destino daquele confronto, agora pertenciam aos templários.

Enquanto Bertrand ainda recuperava o fôlego da batalha, o som de passos pesados ecoou pela entrada do templo. Arnaud, o Grão-Mestre dos Templários, entrou com sua presença austera e imponente, seus olhos sombrios avaliando rapidamente a cena. Ele observou o corpo do líder sarraceno caído diante do altar e, com um aceno de cabeça, reconheceu a vitória de Bertrand. No entanto, a missão ainda não estava completa. Havia mais naquele templo do que o confronto

direto. Algo estava sendo ocultado, e Arnaud sentia isso em cada fibra de seu ser.

Com sua voz grave e firme, ele deu a ordem sem hesitar:

— Vasculhem a sinagoga. Não deixem nada intocado. Precisamos saber o que está sendo escondido aqui.

Os cavaleiros templários imediatamente começaram a se mover, espalhando-se pelas câmaras do templo e pelos corredores sombrios. Arnaud, sempre meticuloso, observava cada detalhe com atenção. A estrutura do templo era grandiosa, mas havia algo de estranho em sua disposição, como se partes da edificação escondessem segredos. Foi então que, após alguns minutos de exploração, um dos cavaleiros descobriu uma porta disfarçada na parede de pedra, oculta atrás de uma tapeçaria antiga e desgastada.

— Senhor, aqui! — gritou o cavaleiro, com um toque de urgência na voz.

Arnaud se aproximou, seguido por Bertrand, que, mesmo exausto, ainda estava alerta. Eles forçaram a porta a abrir, revelando uma pequena escada que descia em espiral para uma sala secreta, escondida nas profundezas do templo. A atmosfera estava densa e silenciosa, o cheiro de incenso era mais

forte à medida que desciam. Quando finalmente alcançaram a sala abaixo, foram recebidos por uma cena inesperada.

No interior, escondidos e amedrontados, estavam alguns rabinos idosos, vestindo longas túnicas e segurando rolos sagrados junto ao peito, como se protegessem não apenas os pergaminhos, mas também sua fé. Ao lado deles, algumas mulheres, que claramente haviam dedicado suas vidas ao cuidado do templo, olhavam com temor para os cavaleiros templários que invadiam seu refúgio. Os rabinos e as mulheres, ainda em choque, se encolhiam nas sombras da sala, enquanto o eco da batalha lá fora parecia uma memória distante.

Arnaud se adiantou, o semblante cansado, mas firme. Ele levantou uma das mãos, sinalizando que não pretendia violência.

— Não estamos aqui para machucá-los — disse ele, sua voz carregando o peso de anos de liderança e batalhas. — O templo está sob nossa proteção agora. Vocês estão seguros.

Um dos rabinos, com uma barba longa e branca, tomou coragem para falar. Sua voz era trêmula, mas havia uma dignidade inegável em suas palavras.

— Nós não somos guerreiros, Grão-Mestre, apenas servos de Deus. Escondemo-nos para proteger o que nos resta de sagrado.

Arnaud assentiu lentamente, compreendendo a gravidade da situação. Ele olhou ao redor, observando os pergaminhos, os símbolos antigos e os olhares temerosos dos que ali se encontravam.

— Nós respeitamos sua fé e seus direitos. Nada será tocado — garantiu Arnaud, sua voz carregada de autoridade e compaixão. — Mas precisamos saber: por que este templo foi alvo? O que estavam os sarracenos procurando?

O rabino trocou olhares com os outros antes de responder, como se ponderasse se podia confiar naqueles cavaleiros.

— Eles buscavam mais do que apenas território, Grão-Mestre. Sob este templo, há um segredo antigo, algo que remonta a tempos muito anteriores a esta guerra. Algo que eles acreditavam poder usar para mudar o curso do conflito.

Arnaud ficou em silêncio por um momento, digerindo as palavras do rabino. Seus olhos endureceram, sua mente de estrategista já calculando o que aquilo poderia significar. Se os sarracenos realmente estavam atrás de algo tão poderoso e oculto, sua missão ali não estava nem perto de terminar.

— Mostrem-nos — disse Arnaud, com uma calma firme. — Precisamos entender o que está em jogo aqui.

Os rabinos se entreolharam mais uma vez, relutantes, mas cientes de que esconder a verdade poderia significar mais destruição. Lentamente, o rabino mais velho se levantou e gesticulou para que o seguissem. Enquanto o pequeno grupo de templários e os guardiões do templo caminhavam por corredores secretos e câmaras esquecidas, Arnaud e Bertrand sabiam que estavam prestes a descobrir algo que poderia mudar o destino de toda a cruzada.

O rabino mais velho, com passos lentos e cuidadosos, caminhou até uma das paredes da sala secreta. Seus dedos trêmulos percorreram uma fissura quase imperceptível na pedra, ativando um mecanismo oculto. A parede deslizou com um ruído profundo e áspero, revelando um nicho esculpido na rocha. Dentro dele, repousava uma pequena caixa de madeira, desgastada pelo tempo, mas ainda intacta. Era delicada, porém exalava uma aura de antiguidade que parecia carregar o peso de milênios. A caixa, coberta por símbolos antigos, estava impregnada de mistério e reverência.

O ancião retirou a caixa com cuidado, como se o simples toque pudesse desfazer os segredos contidos ali. Ele se virou lentamente, seus olhos sombrios e resignados encontrando os de Arnaud.

Em um gesto de profunda reverência, ele estendeu a caixa ao Grão-Mestre dos templários.

— Aqui está, Grão-Mestre — disse o rabino, a voz carregada de solenidade. — O que os sarracenos buscavam. A decisão agora está em suas mãos.

Arnaud tomou a caixa com uma expressão severa e calculista, seus dedos calejados segurando o artefato com a frieza de um líder que já havia visto o suficiente para nunca se surpreender. Ele olhou para o rabino com olhos duros, sem compaixão, como um juiz diante de um réu. Com um movimento simples, ele guardou a caixa sob seu manto, escondendo-a do olhar de todos.

— Você fez o certo, rabino — disse Arnaud, sua voz cortante como uma lâmina. — Mas sua função termina aqui.

O rabino franziu a testa, confuso, mas antes que pudesse falar novamente, Arnaud se virou para seus homens, sua voz se tornando uma ordem inflexível.

— Matem-nos. Todos eles. Não podemos deixar testemunhas.

Os cavaleiros templários que acompanhavam Arnaud hesitaram por um momento, surpresos com a ordem, mas, em seguida, começaram a sacar

suas espadas. O ambiente, que antes estava carregado de tensão silenciosa, de repente foi invadido por um ar sombrio e mortal. As mulheres, os rabinos, todos os presentes na sala, começaram a murmurar em pânico, percebendo o destino que lhes aguardava.

Foi então que Bertrand, que estava observando em silêncio até aquele momento, deu um passo à frente, sua expressão de cansaço e espanto agora tomada por indignação. Ele ergueu a mão, sua espada ainda embainhada, e encarou Arnaud com determinação.

— Isso é loucura, Arnaud — disse Bertrand, sua voz firme, mas controlada. — Eles são inocentes. Não lutaram contra nós. Foram apenas guardiões de sua fé. Matá-los seria um crime.

Arnaud virou-se lentamente, seu olhar frio pousando sobre Bertrand como uma lâmina afiada. Por um momento, o silêncio entre os dois parecia uma batalha em si. Os outros cavaleiros olharam de um para o outro, inseguros sobre o que fazer. A autoridade de Arnaud era incontestável, mas a palavra de Bertrand, um guerreiro respeitado, não podia ser ignorada.

— Bertrand — começou Arnaud, sua voz envenenada pela frieza —, não se trata de inocência. Trata-se de garantir que este segredo

permaneça seguro. O que está nesta caixa tem o poder de mudar o curso de toda a guerra. E se estes homens e mulheres saírem daqui vivos, eles contarão ao mundo o que fizemos, o que temos. Não podemos arriscar.

Bertrand balançou a cabeça, sua indignação crescendo.

— Não somos assassinos, Arnaud! — exclamou ele, agora elevando a voz. — Não foi por isso que lutamos. Não foi por isso que tantos templários deram suas vidas. Somos soldados da fé, defensores do justo! Matar esses inocentes não trará honra, apenas desonra e sangue manchado.

Os olhos de Arnaud se estreitaram, sua paciência esgotando-se. Ele deu um passo em direção a Bertrand, aproximando-se de seu rosto com uma intensidade gelada.

— Você me desafiaria, Bertrand? — perguntou o Grão-Mestre, sua voz baixa, mas carregada de ameaça. — Diante de todos?

Bertrand não recuou. O peso da honra e da moralidade era maior do que qualquer hierarquia naquele momento.

— Se o que você ordena é assassinato, sim, Arnaud, eu o desafiaria. Porque não somos